



REVISTA DA  
ACADEMIA CARIOCA  
DE LETRAS

EDIÇÃO  
COMEMORATIVA  
**90 ANOS**  
1926 • 2016



CASA DE JOSÉ DE ANCHIETA

## MALBA TAHAN

Nelson de Mello e Souza

Revista da Academia Carioca de Letras  
Edição Comemorativa: 90 anos, 1926-2016.

Agradeço à nossa Academia Carioca esta oportunidade de falar sobre um escritor que enriqueceu seus quadros e que, dos anos 1930 aos 1970 esteve, persistentemente, entre os cinco mais lidos de todo o Brasil. Este escritor foi Malba Tahan.

Pretendo esclarecer alguns detalhes que ajudarão a entender aspectos de sua personalidade. Infelizmente sem nenhuma *madeleine* que ajude neste tipo de esforço. Para quem não possui nem a força da memória, nem o talento criativo de um Proust, um Pedro Nava, ou o veneziano Giacomo Casanova, resta apenas sentir-se um exilado do presente a flutuar sobre um passado que se faz vazio. Obviamente, o esforço terá de acabar em lacunas. Mas tem lá seu mérito. Mesmo não sendo fonte de fatos claros, pode ser de encantos obscuros, a delinear em sombras as recordações sentidas.

Àquela época, ali pelos anos 1920, quando iniciava sua carreira literária, predominavam os "modernistas". Mesmo divergindo entre eles, eram todos "modernistas". Malba Tahan não se ligou a eles, mesmo com seu primeiro livro saindo em 1925 e o segundo em 1927 (...).

Por isso insisto em realizar esta viagem, caminhando por entre o que se fez perdido num tempo que se esvai quando tento reconquistá-lo. Mas seguirei à *la recherche du mon temp perdu*; seguirei na tentativa de levantar, como parte do que vivi, a figura humana e literária de meu tio.

Lamentavelmente não posso confrontar opiniões de críticos especializados sobre sua vida e obra. Malba Tahan não frequenta as páginas de nenhuma história da literatura brasileira. Nem inspirou biógrafos. Inexistem análises de seu trabalho e seus projetos. Nossas boas histórias modernas o ignoram. Andei lendo e relendo várias delas, de Bosi a Aderaldo Castelo, de Boris Fausto a Stegagno-Picchio, de Antonio Candido a Carlos Nejar.

Nejar pelo menos, em seu talentoso e original esforço, não se esquece do nome. Em pequena nota que adiciona ao fim do estudo dedicado a Monteiro Lobato, liga-o à literatura infantil. Esta parece ser a inclinação dominante entre os críticos com os quais converso.

Mas não é a verdade. Dos talvez 110 ou 120 livros publicados seja sob o nome verdadeiro, Julio Cesar de Mello e Souza, seja sob o pseudônimo famoso, lembro-me apenas de cinco que estariam dentro dos padrões da literatura infantil. Entre elas as *Aventuras do Rei Baribé*, histórias de onça e os contos infantis reunidos no volume *Paca Tatu*.

Ter escrito alguns livros para criança não parece justificar classificações definitivas. Se este for o critério, poderemos igualmente classificá-lo como escritor "pitagórico", porque, pelo menos três de seus livros sobre matemática trabalham sobre o sentido oculto dos números. Um deles o *Folclore da Matemática*, chamado de *Os Números governam o Mundo*,

nos fala de arquétipos que se integram ao folclore popular. Também o conhecido *As Maravilhas da Matemática* e o mais explícito ainda, o *Histórias e Fantasias Matemáticas*, livro de 1939, no qual até esboça uma biografia de Pitágoras. Combinemos estes três com seu livro mais conhecido, *O homem que calculava*. Nele, o personagem central, mais de uma vez, refere-se a Platão e a Pitágoras para ilustrar seus contos.

Pelo mesmo critério, pode também ser considerado escritor judeu, já que o seu *Lendas do Povo de Deus* são contos, lendas judaicas, parábolas e alegorias tendo por base o Talmude, o Velho Testamento, usando antigas antologias judaicas. A proposta é reforçada pelo livro *Rabi, o Cocheiro e Os anjos de Deus*. Este então nada mais é que boa coletânea de contos iídiche. Neste caso será válido considerarmos Malba Tahan um escritor inspirado pela sabedoria judaica.

Critério similar o levaria ao oposto, isto é, a ser considerado escritor religioso cristão. Isso por ter escrito livro de grande sucesso com a Igreja, adotado como leitura obrigatória em colégios religiosos, o conhecido *Lendas do Céu e da Terra*. Se a ele adicionarmos o *Romance do Filho Pródigo*, estaria bem classificado como escritor cristão. Mais ainda quando meditamos sobre o final de *O homem que calculava*. O livro termina com o sábio muçulmano persa e sua mulher, ex-aluna, se convertendo à religião cristã.

Com estes exemplos penso revelar que, sem entender a linha diretriz de sua literatura e de seus objetivos como escritor, estaríamos metidos em grossa confusão para interpretar sua obra literária. Ela é parte pedagógica e a maior parte novelesca. Como pedagogia é produto de um grande professor de matemática, dedicado a divulgar sua ciência. São cerca de 50 trabalhos escritos isoladamente, ou em parceria com colegas do Colégio Pedro II. Neste caso, não haveria mesmo razão para destacá-la em qualquer história de nossa literatura.

Não é o caso da outra parte, esta marcadamente literária, na qual incluímos *O homem que calculava*, mesmo sendo sobre divulgação da matemática, já que a figura central é um sábio persa, Beremiz Sarnir, produto da fantasia e da imaginação criativa do escritor, narrando sua vida.

O que destaca este tipo de literatura é seu fundo moral. Para isto, desde o pseudônimo adotado, sua inclinação foi para personagens, contos, lendas, símbolos e mensagens orientais, ficticiamente "árabes" ou "persas", com personagens por ele criados para destacar valores do humanismo universal.

Cassiano Ricardo certa vez observou que ninguém é mais alemão que Goethe, mais espanhol que Cervantes muito menos mais russo que Dostoiévski. Não obstante, são todos escritores universais. Em outras palavras o que vale é a proposta literária e o que nela se contém.

Malba Tahan, desde o pseudônimo adotado, fixou-se no Oriente. Talvez porque pretendesse revestir seus personagens de um fascínio que sempre ajuda na captação de exemplos de tolerância, justiça e firmeza. Estes, de conteúdo universal.

Por que o Oriente foi seduzir um menino carioca? É possível que seja a resultante de desconhecidas influências infantis, estímulos oníricos que emergiram, como o gênio da lâmpada de Aladim, das primeiras leituras de infância, das *Mil e*

*uma noites*. Não creio que o tenha revelado a ninguém a razão. Afinal não é incomum ignorarmos a origem de nossos sonhos, dos roceiros imaginados na solidão, das artimanhas subjetivas de nosso silêncio, nos descaminhos da introspecção.

Uma coisa é certa: queria ser escritor. Desejava expor sabedorias morais, mas criando algo que escapasse do lugar-comum, do que ouvimos no púlpito ou na cátedra, nos livrinhos pedagógicos, nos jantares e nas conversas de família. Para isto teria de criar figuras e fórmulas novas. Foi buscá-las na cultura oriental, semidesconhecida num Brasil voltado para a França, a Inglaterra, um pouco a Alemanha, com algo da Itália renascentista e do barroco espanhol.

Decidiu-se por um estranho sábio árabe, "Malba Tahan", narrador de lendas, contos e parábolas que transmitiam aos leitores a serena filosofia e a encantadora poesia oriental. Estava certo ao imaginar que um autor brasileiro, um "Antonio, um João, um André", frequentador de nossas ruas, praias e botequins, a contar lendas árabes com fins pedagógicos, não teria reconhecimento algum. Além de não ser lido por ninguém, acabaria motivo de piadas. Com base nesta certeza das relações humanas, optou pelo mistério.

Estava certo. O mistério é o grande mago da pedagogia moral duradoura. Com este artifício, somado ao encanto de sua arte e à limpidez de seu estilo literário, soube encontrar ouvidos que o ouvissem e a atenção popular necessária. Acertou em cheio. A ponto de, consolidada sua obra, o Ministério da Educação, ao longo de cerca de 20 anos, adquiriu algo em torno de dez milhões de seus livros para distribuir a escolas de todo o Brasil, como elemento auxiliar para a correta pedagogia dos jovens. A edição de *O homem que calculava* que consulto, por exemplo, é de 2004. É a 65ª edição. De lá para cá são mais de dez anos. Imagino que tenham saído outras. Vamos admitir que raríssimos são os autores que logram esta proeza.

Por tudo isto, pela importância moral da obra, pela precisão descritiva e uso judicioso de nomes, lugares e autores, o que revela um profundo estudo da história e da cultura árabes, somadas à elegância do estilo narrativo, Malba Tahan não poderia estar ausente dos registros relativos à literatura brasileira. Omitir seu nome e sua obra não me parece correto. Não se trata de parcialidade familiar. Trata-se de justiça crítica.

O fenômeno, de tão esquisito, nos parece estranho. Mas como é parte de nossa realidade literária, lógico tentar explicá-lo, principalmente ante uma academia de letras como a nossa.

A cultura brasileira sublinha, para ordenar o relacionamento humano na formação dos grupos e na organização de apoios, o companheirismo, o compadrio, os laços primários afetivos, as relações de amizade ou as obrigações ante um conterrâneo. Baianos apoiam baianos, mineiros a mineiros, pernambucanos a pernambucanos e assim por diante.

Chegados ao Rio republicano daquela época, como antes o faziam no Império, os migrantes regionais iam encontrando, no centro da vida política e cultural do País, amigos de família já situados, abrindo-lhes espaços no jornalismo e no setor público.

Nunca foi exclusivo do Brasil este apoio de grupos. Sociedades secretas se firmavam naqueles tempos, mesmo em grandes universidades inglesas e americanas, para ajudarem-se uns aos outros. Amizades de café e de ativismo literário

eram comuns na França até bem avançado o após guerra. Nos jantares dos famosos salões do Ocidente, firmavam-se ou destruíam-se reputações. Participação em maçonarias, organizações dedicadas a crenças ocultas, alquimia, espíritos, magia etc... eram práticas correntes desde a Idade Média. Os que se sentem semelhantes se ajudam. Keynes, um racionalista radical, nada de místico, é bom exemplo. Pertenceu a pelo menos duas organizações secretas e seletas, uma originária de King's College, de Cambridge, onde estudou, chamada "Apóstolos", outra formada mais adiante por um grupo exclusivo de intelectuais e amigos, o "Bloomsbury Group", ao qual pertenciam Virginia Woolff e E. M. Forster, entre tantos outros. Foi escalando na política inglesa, em boa parte devido a dedicações, apoio e ações destes amigos. Obviamente, se não tivesse talento, nada feito. Mas como o tinha, e muito, foi-lhe fácil a escalada.

Não é diverso na literatura. A gradual formação do status literário de qualquer autor talentoso liga-se, em boa parte, à sua participação social e seu ativismo em "escolas literárias". Os críticos profissionais disciplinam sua análise em torno de certos padrões interpretativos aceitos como paradigmas. Arrolar autores em "escolas", ou em "fases", obedece ao que o francês chama de *sprit de systeme*. São movimentos coletivos dentro de cujos espaços vão ordenando, para fins interpretativos, obras e vidas. Isto é fato corrente.

Talvez por não pertencer a grupo algum, Malba Tahan nunca tenha sido incluído em nenhuma delas. Sempre foi um escritor original e solitário.

Àquela época, ali pelos anos 1920, quando iniciava sua carreira literária, predominavam os "modernistas". Mesmo divergindo entre eles, eram todos "modernistas". Malba Tahan não se ligou a eles, mesmo com seu primeiro livro saindo em 1925 e o segundo em 1927. Pouco adiante surgia a "escola" regional, cujas bases já haviam sido bem fincadas desde antes, desde Franklin Távora, Waldomiro Silveira, Inglês de Souza e Simões Lopes Neto. Mas agora tomava ares de "escola". Malba Tahan tampouco a ela pertenceu, não conhecendo pessoalmente muitos de seus principais nomes, como Lins do Rego e Rachel de Queiroz.

Malba Tahan vivia para seu círculo fechado de amigos e parentes, seu bridge, sua leitura, seus estudos, seu ocasional joguinho de xadrez, de que tanto gostava, seu magistério, sua casa. Esta forma de vida aprofundou a solidão literária. Além do mais nunca frequentou livrarias a não ser para comprar livros. Jamais com a intenção de passar as tardes trocando ideias com os nomes de sua época. Sempre foi o que estava escrito para ele, "Maktub": um escritor original e um professor de matemática.

Não me lembro de ter visto, jamais, nenhum escritor famoso ou crítico literário de renome em sua casa. Aparentemente não mantinha qualquer relacionamento com Lobato, Menotti, Graciliano Ramos, Plínio Salgado, Mário de Andrade e os diplomatas literatos como Ronald de Carvalho, Guimarães Rosa e Ribeiro Couto. O mais estranho era não ter se aproximado do maior dos críticos da época, Alceu de Amoroso Lima, porque este era próximo de seu irmão mais jovem, José Carlos, matemático como ele. Não me recordo de qualquer conversa sua a girar em torno da obra e da vida de nenhum dos notáveis da época. Incluindo-se os mineiros que vinham chegando ao Rio de Janeiro, desde os anos 1930, como Drummond, assessor do Ministro Capanema, área de ação específica da família, a educação, com seu grupo de intelectuais interessados. Aproximar-se deles seria o passaporte para a entrada fácil e presença firme nos jornais da

época. Para a glória reconhecida. Jamais o fez. Ficou com seu velho grupo de amigos, colegas do Colégio Pedro II e alguns dos tempos do prefeito Henrique Dodsworth, ao qual foi ligado. Lembro-me isto sim, do famoso Meirelles, um ex-membro do Governo Dodsworth, amigo íntimo e frequentador assíduo de sua casa.

Foi no fim dos anos 1920, através do jornal de Irineu Marinho, *A Noite*, que logrou firmar "Malba Tahan" de modo definitivo. Decisão sua, sem apoio de ninguém. O diretor gostou dos contos e ordenou sua publicação.

"Malba Tahan" foi apresentado ao público como autor árabe de sucesso, traduzido pelo também imaginário tradutor "Breno de Alencar Bianco". Tudo falso como nota de três reais. Mas indispensável. Para dar mais veracidade incluiu uma "biografia", dando conta ao leitor médio brasileiro deste "grande" nome da cultura árabe, ex-"queimaçã", ou prefeito de El-Medina, buscando sempre dar amparo aos peregrinos que visitavam os lugares sagrados do Islam. Um tipo nobre, estudioso e sábio, herdeiro de uma grande fortuna que lhe permitiu viajar pelo mundo. Teria morrido numa guerra pela liberdade.

Indispensável "matá-lo" ou alguém poderia lembrar-se de convidar este grande sábio para visitar o Brasil. A história foi aceita por Irineu Marinho. E tudo começou aí, resultando o já referido primeiro livro de 1925, *Contos de Malba Tahan*.

Julio Cesar era um dos cariocas da família. Como meu pai.

Seus irmãos mais velhos haviam nascido em Queluz, para onde seguira a família. Meus, avós, João de Mello e Souza e Carolina, eram ambos professores. Julio Cesar cresceu e se formou neste ambiente ameno e generoso. Ao todo eram nove irmãos. Família grande e unida, solidária e amiga, vivendo na quietude rural. Desde cedo desandou a escrever histórias e contos. Era sua obsessão. Ninguém explica a origem de uma vocação. Ela se perde nas sombras de uma herança feita de tantas variáveis que quem tentar segui-las vai se perder nos labirintos do caminho. A vocação não é um impulso formador; mais que isto, é impulso criador.

O certo é que, já aos 12 anos, o pequeno Julio era responsável pelas historietas que se contavam nas festas de formatura das turmas que frequentavam na escola de sua mãe, minha avó Carolina.

Tratava-se de mulher sábia e por isto tolerante. Adotava métodos diferentes. Em sua escolinha jamais entrou a famosa palmatória. Tornou-se respeitada, querida por todos. Quando enviuvou em 1914 veio para o Rio, para junco dos filhos que iniciavam a vida como professores ou ainda estudavam. Com o modesto pecúlio deixado pelo marido e sua remuneração de professora concursada, fundou um colégio para ganhar a vida e dar seguimento a sua profissão. Foi o embrião do que veio a ser, pouco adiante, o Colégio Mello e Souza, um dos mais respeitados do Rio de Janeiro dos anos 1930 aos 1960 e onde os irmãos, quase todos, inclusive tio Julio e meu pai, ensinavam.

Malba Tahan tinha lá suas esquisitices. Escrevia descalço, quando menino cultivava sapos, dando-lhes nomes. Chegou a ter uns 50 que protegia e cuidava no grande quintal da casa de Queluz. Um de seus primeiros contos de infância já era sobre a figura do "Rei Sapão". Bem mais tarde lembro-me dos sapos de porcelana, espalhados pela casa da Gávea, na Rua Artur Araripe, 43. Dedicou-se desde logo a ajudar os vitimados pelo mal de Hansen, dirigiu uma Revista sobre o

problema, a Damião, sem alarde e sem propagar seu gesto. O fazia de modo reservado, passando com os doentes, em seus retiros, horas inteiras, fazendo palestras, distraíndo-os com seus contos e histórias.

Como a maioria de nós, era um paradoxo ambulante, já que ao mesmo tempo em que se jactava deste lado "demasiado humano", na expressão de Nietzsche, realizava-se nas conferências, por lá nutrindo seu Ego nos aplausos públicos, no entusiasmo que despertava como palestrante inigualável. Era e sempre foi um grande e original conferencista, mesclando o texto com gestos teatrais, histórias e anedotas. O público delirava.

A escolha de seu pseudônimo ilustra aspectos de sua personalidade. O nome "Malba" lhe foi inspirado, é certo, por sua antiga admiração pela cultura árabe, mas foi uma aluna, de origem sírio-libanesa, que o sugeriu, sem o saber. Tio Julio dela indagou um dia o sentido de seu nome. Foi informado que "Tahan" significava "oleiro", ou o que mói o trigo de que se faz o pão. Adotou-o imediatamente. Era exatamente o que sentia com seus esforços para popularizar a pedagogia da matemática e, principalmente o que pretendia com sua literatura "árabe". O outro nome, "Malba", retirou-o de pequeno vilarejo do deserto da Arábia. Juntos formavam um equilíbrio sonoro que aumentava o encanto da honesta impostura. Ajudou-o a penetração social para seu trabalho de escritor. "Malba", esta comunidade isolada, seria o centro de um sistema relacional ameno e solidário. Como sua Queluz da infância.

Julio Cesar se interessou pela cultura oriental, como vimos acima, desde seus estudos iniciais. Não chegava a ser uma novidade. *Salambô* já nos traz esta cultura de Cartago, herdeira dos fenícios, com seus deuses, vestes, valores e encantos. Julio absorveu todo este fabuloso inconsciente que nos vinha, com o sopro dos ventos culturais, das areias do deserto. Ao contrário de Flaubert, o transformou na base de sua literatura.

Por que o fez? Mapear seu itinerário mental não é fácil para ninguém. São filhos da intuição e de forças subjetivas resistentes a definições.

O campo aberto para a imaginação literária é sempre um espaço de perplexidades a ser percorrido de forma própria e quase sempre diferente, por cada um. No caso da literatura de Malba Tahan pode-se até mesmo traçar, como inspiração básica, seu lado *kantiano*, é, aceitar a vocação moral do homem como um fato a priori. Não poderia haver sociedade organizada e sim um universo *hobbeseano* e autodestrutivo sem ele. Admitindo, além desta propensão natural, uma outra, para a beleza, sem a qual inexistiria a arte, Malba Tahan ligou as duas num todo para que nos seja possível melhorar a compreensão de nossas ações e reações.

Mas a busca do nome adotado pode dever, igualmente, à sua consciência prática. Não parece que Julio Cesar tivesse muitas dúvidas sobre nossa submissão ao estrangeiro culto, chamada "alienação brasileira". Afinal, em sua época, nossa elite pretendia ter como modelo os ingleses e franceses, a ponto de caprichar na fala francesa e vestir-se, em pleno Rio de Janeiro tropical, de grossas casimiras, fraques e cartolas cerimoniais. Era o "parisismo", tal como o batizara Romero e divulgava Brito Broca.

Sobre este ângulo lembro-me de um personagem, creio que de Eça de Queiroz. Andava por Lisboa, sisudo, sempre de preto, com enorme livro alemão embaixo do braço. Todos se embasbacavam. Passou a ser considerado um "gênio".

Uma vez indagado por um amigo onde, afinal, havia estudado e aprendido o alemão a ponto de só ler neste idioma, respondeu em tom severo:

"De alemão não sei coisa alguma, mas conheço bem o português de Lisboa."

Com Julio Cesar foi mais ou menos similar. Seus primeiros contos foram levados ao *O Imparcial* e recusados. Julio deixou passar um tempo e voltou, dias depois, reapresentando-os ao diretor que não os havia lido. Só que agora eram textos escritos por R. S. Slade, um "famoso" escritor norte americano que fazia sucesso em Nova York. Tudo inventado. A conhecida alienação brasileira não resistiu. Um dos contos foi publicado no dia seguinte. Um êxito. Os outros quatro seguiram em ordem.

Julio Cesar convenceu-se do que já suspeitava. Um inédito e jovem escritor brasileiro, se pretendesse escrever contos árabes, não tinha a menor possibilidade de ser aceito em jornal algum. Muito menos ser editado. Por isso, ao levá-los para Irineu Marinho já o fez sob o pseudônimo que lhe ficou, com a biografia do grande, talentoso e bem conhecido escritor árabe Malba Tahan. Ninguém queria passar recibo. Reconhecer que ignorava este talento universal. E a coisa passou. "Malba Tahan" foi editado, apreciado, lido, relido, as edições se sucederam e o escritor "árabe" se consagrou.

A partir daí pôde colher os frutos de sua obstinada leitura sobre a cultura árabe, desde o clássico de Le Bon. Contratou um professor de árabe e meditou sobre os grandes filósofos que, dos séculos IX ao XII, no Ocidente Cristão, foram os responsáveis pela introdução da filosofia grega na cultura do Ocidente. Estudou o pensamento dos Ibn Sinna, dos El Faradi, dos grandes nomes da matemática como Al Kharismi, nome dado a uma revista que passou a dirigir. Notemos que a este grande matemático árabe devemos o nome "algarismo".

Os textos eram muito bons. E o que se pode chamar um texto muito bom? Apenas o que diverte? O que nos ajuda a passar o tempo? Sem dúvida este tipo de literatura tem o seu lugar, mas não fica muito tempo neste lugar. É sempre deslocada por outro que acaba de chegar num rodízio sem fim. Enquanto os *best sellers* de momento iam desaparecendo, os textos de Malba Tahan iam ficando. Há, hoje, traduções em vários idiomas, e as edições ainda se renovam.

Por tudo isto, não parece haver nenhuma razão objetiva para que seu nome e sua obra continuem a ser ignorados nas histórias de nossa literatura. Como confio no diálogo entre a verdade e a história, admito que em algum lugar no futuro, algum crítico profissional ainda fará justiça ao valor da obra de Malba Tahan.

É obra sem simbolismos ocultos. Suas lendas e contos estão ligados à prática da vida e ao sentido da existência humana. Por isto valeu para a geração que já está a caminho do fim, assim como parece válida para a que está chegando agora em nosso mundo cibernético. Malba Tahan, positivamente, não é autor que deva permanecer ausente de nosso espaço literário. Suas narrativas nos orientam nas múltiplas escolhas entre o egoísmo que incentiva a discórdia e a salvação que nos leva à paz possível a cada um. Ajuda-nos a lidar com nossos problemas e a entender nossos dilemas. Sem tormentos, remorsos ou falsificações.



Podemos concluir citando uma epígrafe do seu livro *Salim o Mágico*, escrito em fins de 1960 e publicado em 1970, dedicado a seu sobrinho querido *Raul Milliet*: "que importa o saber se não soubermos o que importa?" A literatura moral não descobre para nós segmentos inesperados da existência. Apenas revela o que tem sido nosso trajeto relacional com ela. Motivo pelo qual louvo, especialmente, a escolha do tema por esta laboriosa e moderna academia.

.....

Nelson Mello e Souza, professor fundador da Escola de Administração da FGV; chanceler e professor da Universidade Estácio de Sá; diretor da OEA, da Fundação Roberto Marinho e vice-presidente da Academia Brasileira de Filosofia. Escreveu *Dialética do irracionalismo*, *Modernidade - estratégica do abismo*, *Modernidade: Desacerto de um consenso*, *Educação ambiental*. Conselheiro da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo. Ex-presidente da Academia Carioca de Letras, onde ocupa a Cadeira 11.